

Impulsos da História

JUAREZ BAHIA

“A fruta é fina posto que a casca seja grossa”, escrevia d. Pedro à sua marquesa, em 1827. Podia estar se referindo ao País dos nossos dias, encalacrado com inflação, corrupção e miséria. “Os que comem da Nação são sem número”, havia proclamado em 1821. Teremos salvação? Dizem-nos que sim, que o Brasil é viável e que se “credita” nele.



O regente espantava-se com a sombra da falência, apontando o descalabro do Erário e do Banco do Brasil, “desacreditado pelos seus dilapidadores, que eram os mesmo que o administravam”. Enquanto más linguas difundiam que d. João, de regresso a Portugal, levava navios de ouro, prata e pedras preciosas, d. Pedro exigia do pai que empenhasse as jóias da Coroa.

Ditasas jóias, jamais empenhadas para fins sociais, nem quando d. Pedro II, no ocaso do Império, queria matar a sede dos nordestinos. Pelo mesmo motivo o general Médiçi preferiu derramar algumas lágrimas. Nunca mais se falou em vender ouro, prata e pedras preciosas para dar pão aos pobres. “Não há maior desgraça do que esta em que me vejo, que é de desejar fazer o bem e arranjar tudo, e não haver com quê”, lamentava-se o príncipe-regente.

**Uma outra
geração
ousa
para fugir
ao caos**

Tentou-se de tudo no curso da conturbada História. Da proibição das indústrias, das brigas de galo, dos biquínis, do lança-perfume à caça às bruxas. Libertou-se a particulares a produção de papel-moeda, e desaguamos no encilhamento. Os bancos exibiam nomes que, atualmente, seriam rejeitados pelo marketing do setor: Banco Mobilizador, Banco de Crédito Garantido, Banco Impulsor, Banco Esportivo, Banco União dos Carroceiros, Banco Brasil Teatral, Banco Vitalício do Brasil. Os banqueiros já eram, então, os maiores vilões, apesar de ter o Estado se tornado recordista das emissões, e um monstro a ser abatido.

Restaram ao presidente, ungido

pela maioria absoluta, as medidas pouco ortodoxas, os gestos heróicos. O Ministério — substancial aqui, raro ali — se apóia em superministros e num superxerife, sem que nenhum deles possa reclamar para si o lugar de eminência grise. Além disso, a audácia para mudar, a capacidade de impor soluções inesperadas, o ônus de enfrentar o pior da crise e a franqueza de assumir a responsabilidade das decisões. Tendo êxito, a Nação ficará a lhe dever o expurgo de vícios da cultura econômica e da cultura política, que há séculos engordam marajás, sonegadores, cartórios, remarcadores de preços e demais artifícios da sangria coletiva.

Um país não é uma central telefônica, mas vive de impulsos. Uns generosos, outros nem tanto. Impulsos da moralidade, da eficiência, da cidadania, da modernização, em contraposição aos do atraso, da cumplicidade, da burocracia, da fraude. Não é a busca do triunfo efêmero e, sim, a conquista exemplar, duradoura. Se d. Pedro I, aos 22 anos, assumiu o poder jurando encarnar o “espírito do século”, neste momento é também o impulso de uma nova geração que prevalece.

Não se pretende que sejam iguais os anseios que transitam pelo passado e pelo presente, senão a evidência da História ininterrupta, que, embora não se repetindo, é comum. Singularidade que sugere coincidências, ao ponto de parecer a mesma. O que de fato existe é um traço de inovação a estreitar distâncias, convergindo para a mudança que abriga o sonho de prosperidade, apesar dos sinais de catástrofe. E, como sempre, não podemos esperar mais do que já esperamos.

Conter a inflação alucinante, que corrói salários e moeda e impõe a desordem financeira, tornou-se vital. Ela rompeu a barreira da sensatez para freqüentar o imponderável, violar nossos valores espirituais. Fechou-se sobre o País como uma casca grossa, intragável. Voltamos à democracia, ao império da Constituição, ao liberalismo, às reformas. Uma outra geração improvisa, empreende, ousa, para fugir à rotina ou ao caos, e para desvencilhar-nos da herança colonial — concentração de renda, privilégios, injustiça social, domínio improdutivo da terra, evasão de capitais — assimilada e cultivada pela República. Está na hora de descascar a fruta.

Juarez Bahia é jornalista e escritor